REVISTA SAÚDE.COM
ISSN 1809-0761
Vol 22, Nº 1, 2026, 109-117
DOI: 10.22481/rsc.v22i1.16791
Relato de Experiência | Experience Report

Construindo consciência antirracista: experiências do PET-Saúde no novembro negro

Sarah Regina Santos Barbosa[1] Ana Paula Barbosa Nascimento Lucena[2] Ellen Santos Barros[3] Iago Ribeiro Souza Silva[4] Rafaella da Silva Pires Ribas[5] Saulo Evangelista Costa[6] Rayane Rodrigues da Cruz[7] Ana Paula Barbosa Nascimento Lucena[8] Juliana Santana Ribeiro[9] Soraya Sampaio de Andrade[10] Rodrigo Fernandes Santos[11] Paula Lisiane Assunção[12] Tuany Santos Souza[12] Gisele da Silveira Lemos[13]

[1,2,3,4,5,6,7,8,9,12,13] Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil. [10,11]Secretaria Municipal de Saúde de Jequié/Bahia - Brasil.
*Autor de correspondência: giselesilveiralemos@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:
Equidade
Racismo
Educação em Saúde

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo descrever a atividade do "Novembro Negro", promovida pelo grupo 5 do PET-Saúde Equidade da UESB em parceria com a Secretaria de Saúde de Jequié. O projeto produziu um jogo chamado "Adivinhe quem sou eu" para abordar a representatividade negra e valorizar personalidades negras da história brasileira. O jogo foi realizado em diversas unidades de saúde, onde se promoveu reflexões sobre o racismo explícito e implícito, a importância do Dia da Consciência Negra, a dedicação de um mês para debater sobre a temática e incentivar uma postura antirracista entre os profissionais da área. A atividade destacou a necessidade de transformar as unidades de saúde em espaços mais inclusivos, por meio da educação e valorização da população negra no país. Este estudo conclui que inciativas durante o "Novembro Negro" são essenciais para conscientizar e enfrentar o racismo, promovendo mudanças tanto na sociedade quanto em ambientes profissionais.

KEYWORDS:
Equity
Racism
Health Education

ABSTRACT

The research aims to describe the "Black November" activity, promoted by group 5 of PET-Saúde Equidade of UESB in partnership with the Health Department of Jequié. The project produced a game called "Guess who I am" to address black representation and value black personalities in Brazilian history. The game was held in several health units, where reflections were promoted on explicit and implicit racism, the importance of Black Awareness Day, the dedication of a month to debate the topic and encourage an anti-racist stance among professionals in the area. The activity highlighted the need to transform health units into more inclusive spaces, through education and appreciation of the black population in the country. This study concludes that initiatives during "Black November" are essential to raise awareness and confront racism, promoting changes both in society and in professional environments.

SUBMETIDO: 07 de junho de 2025 | **ACEITO:** 06 de abril de 2026 | **PUBLICADO:** 17 de abril de 2026
© REVISTA SAÚDE.COM 2026. Este artigo é distribuído sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Introdução

O Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro, relembra a morte de Zumbi dos Palmares, último líder do quilombo dos Palmares, assassinado em 1695. Há décadas, o mês de novembro tem se tornado referência para atividades que inspiram a luta, resistência e, principalmente, a rebeldia do povo negro, que historicamente tem sido os sujeitos do enfrentamento ao racismo articulado nas diversas esferas da sociedade[1].

A Lei Áurea foi assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1988, com o objetivo de encerrar a escravidão negra no Brasil. Contudo, essa medida não trouxe políticas públicas que visavam a integração dos negros nos espaços de trabalho do país, e assim os trabalhadores negros estavam inseridos na competitividade da economia brasileira e considerados desqualificados para o mercado de trabalho[2]. Essa realidade acabou ocasionando a troca da mão de obra negra pela europeia, e a população recém-liberta passou a ocupar os ofícios mais inferiores e desprovidos de técnica[2].

Desse modo, a população negra foi marginalizada e ao passar do tempo os indivíduos desta raça percorreram um longo caminho até conseguirem papéis de destaque, caminho este marcado por muita luta e resistência. Como forma de auxiliar no combate ao racismo e fomentar o reconhecimento dos esforços e da importância da população negra para o Brasil, foi criado o Dia da Consciência Negra, que veio a se tornar Lei 14.759/23[3], comemorado no dia 20 de novembro. Esta data marca a morte de Zumbi dos Palmares, grande símbolo contra a escravidão no Brasil. Aliado a isso, a Lei 10.639/2003[4], História e Cultura Afro-Brasileira tornou o ensino da história e cultura afro-brasileira obrigatório nas escolas em todo o território nacional[5].

Nesse contexto, pode-se perceber o fomento de políticas para chegar a equidade social, mesmo que atualmente ainda existam barreiras para as pessoas negras ocuparem diversos espaços, como na área da saúde, dado o fato que os profissionais negros e negras são minoria neste âmbito[6]. Nesse sentido, observa-se que os negros constroem histórias e obras admiráveis, e mesmo assim, possuem uma história velada enquanto profissionais da saúde[6].

Nos últimos anos, o Brasil tem vivenciado avanços significativos nas discussões

e iniciativas antirracistas, tanto no meio institucional quanto interpessoal e cultural. Em termos legais, o racismo no país é tipificado como crime pela Lei nº 7.716/1989, que define como crime a prática de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, com pena de reclusão[7]. Além disso, em 2021, a Lei 14.532 ampliou a punição ao crime de injúria racial, colocando mais ênfase nas redes sociais[3]. Esses avanços legislativos são importantes, mas também se mostram insuficientes quando considerados os desafios profundos que o racismo impõe no cotidiano das pessoas negras no país.

Institucionalmente, algumas escolas têm promovido uma educação antirracista e afro-brasileira, criando espaços para o ensino da história e cultura negras, com destaque para a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas. No campo da cultura, ações como o apoio a artistas negras e a promoção de exposições, filmes e eventos que abordam questões raciais têm ganhado visibilidade[4].

Além das ações institucionais, a reflexão sobre as desigualdades raciais também tem sido enriquecida por importantes autoras e pensadoras negras. Djamila Ribeiro, em sua obra "O que é lugar de fala?", propõe uma análise crítica das estruturas de poder que marginalizam as vozes negras, especialmente no contexto das mulheres negras[8]. Bárbara Carine, por sua vez, em sua atuação acadêmica e política, foca na valorização e empoderamento da população negra, destacando o protagonismo negro em esferas sociais e culturais[9]. Autoras como Lélia Gonzalez, em "Racismo e Mulher", e Silvia Pimentel, em "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira", ampliam essa discussão ao destacar a intersecção entre racismo e sexismo, com um olhar específico para as mulheres negras, que enfrentam uma dupla marginalização[10] [11]. Já Angela Davis, em "Mulheres, Raça e Classe", contribui com uma análise global sobre como o racismo afeta diferentes grupos sociais, oferecendo reflexões aplicáveis ao Brasil[12]. Essas autoras fornecem um suporte teórico crucial para as práticas antirracistas e ajudam a mapear as formas de resistência e de luta pela igualdade racial, ofertando um aporte teórico necessário para a prática do ensino antiracista, buscando mudar por meio da educação, seja ela formal ou não formal, a realidade do país.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo descrever uma atividade do

"Novembro Negro", realizada pelo grupo 5 do PET-Saúde Equidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Jequié, e sua importância como estratégia de orientar os profissionais de saúde do município no combate ao racismo na sua área de atuação. Assim como, promover reflexão sobre os casos de racismo vivenciado pelos trabalhadores da saúde do município, e, concomitantemente. incentivar os estudantes da saúde a promoverem uma postura antirracista, valorizar a cultura negra e evitar comportamentos preconceituosos e discriminatórios.

Metodologia

A atividade do Novembro Negro foi um produto do grupo 5 do PET-Saúde, uma parceria da UESB e da SMS de Jequié. Foram divididos em grupos todos aqueles contemplados em participar do projeto, o grupo cinco desenvolveu uma atividade lúdica para abordar durante todo o mês a temática da Consciência Negra, sendo chamado de Novembro Negro. Com o intuito de promover reflexão sobre a representatividade negra no mercado de trabalho, principalmente nas posições de evidência, e discutir sobre o reconhecimento das pessoas negras influentes ao longo da história em diversos setores sociais, foi desenvolvido um jogo intitulado como "Adivinhe Quem Sou Eu" como a principal ferramenta.

O jogo era composto de duas apresentações: na primeira, imagens de figuras históricas foram expostas para os participantes, em seguida um texto com a bibliografia resumida era lido em voz alta e os participantes deveriam relacionar o texto a foto (valendo um ponto) e nomear a pessoa homenageada, já na segunda, o jogo possui duas opções de texto relacionadas a imagem da pessoa homenageada, dos quais apenas um era o texto com biografia correta, onde os participantes deveriam acertar a biografia relacionando corretamente com as imagens, como também nomear a pessoa da foto. Em ambas as apresentações os participantes eram divididos em grupo, contudo a segunda forma cada grupo recebia uma placa de A (texto 1) e B (texto 2) para identificação de qual texto bibliográfico o grupo achava correto.

O jogo foi aplicado em visitas aos profissionais dos seguintes locais: Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD), Centro de Atenção Psicossocial

Saúde Mental (CAPS Saúde Mental), 2 Unidades de Saúde da Família, Unidade Básica de Saúde Centro de Saúde de Jequié, Unidade de Saúde do Conjunto Penal de Jequié, Departamento de Planejamento e Departamento de Vigilância Sanitária, esses últimos reunidos na Casa da Cultura de Jequié

A visita foi dividida em uma programação padrão, apresentação do tema, usando um folder informativo produzido pelo grupo, interação introdutória com os profissionais, aplicação do jogo, troca de experiências e escuta ativa dos profissionais.

Relato de Experiência e Discussão

A construção de uma sociedade mais justa está ligada à promoção da equidade racial, e o setor da saúde não deve estar fora desse processo. A atividade do "Novembro Negro", desenvolvido pelo grupo cinco do PET-Saúde Equidade em Jequié-BA, destaca-se como uma iniciativa de promoção da luta antirracista e valorização da cultura afro-brasileira, conectando saúde, educação e conscientização social, figura 1.

Figura 1. Atividade desenvolvida pelo Grupo 5 do PET Saúde Equidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Jequié





Um dos principais pilares da atividade foi a valorização de personalidades negras que marcaram a história do Brasil, muitas das vezes desconhecidas, mas

que marcaram a história do país e superaram barreiras e estigmas relacionados à vivência negra no país. A apresentação dessas figuras serviu para destacar o papel fundamental da população negra, pois séculos de exclusão e discriminação moldaram nossa cultura. Essas narrativas inspiraram os participantes e proporcionaram um reconhecimento das contribuições negras em diversas áreas, incluindo a saúde.

O objetivo da dinâmica, alcançada na maioria das visitas, fora que ao visualizar aqueles rostos não conhecidos, os participantes do jogo "Adivinhe Quem Sou Eu" se questionariam não só seus nomes e suas contribuições, mas o motivo de nunca ouvirá falar deles ou não se lembrar da mesma forma que se lembram de contribuições de outros brasileiros famosos. Bárbara Carine, em suas reflexões sobre o protagonismo negro, afirma que "a luta pela equidade racial é uma luta constante, que deve ser incorporada em todos os espaços, inclusive nas instituições de saúde"[9]. No contexto do "Novembro Negro", o projeto não apenas trouxe à tona a contribuição histórica dos negros para a saúde, mas também despertou uma consciência crítica nos profissionais presentes sobre os preconceitos raciais que ainda afligem o sistema de saúde. Carine destaca que, ao tratar da equidade racial, é fundamental que as ações não se restrinjam a discursos, mas se tornem práticas concretas nas políticas de saúde.

A reflexão sobre as práticas discriminatórias nas instituições de saúde foi um dos principais focos da atividade, evidenciando o impacto do racismo no cotidiano dos profissionais e pacientes. Almeida [13] afirma que o racismo atinge de maneira diferenciada homens e mulheres, e, dentro deste recorte, as mulheres negras estão na base da pirâmide de desigualdade: "O racismo atinge de maneira diferenciada homens e mulheres, e as mulheres negras estão na base da pirâmide de desigualdade" [13]. Esse recorte é essencial para entender as múltiplas formas de discriminação e como elas se manifestam nas práticas de saúde, muitas vezes com consequências graves para as populações negras. Ao sensibilizar os participantes sobre essas questões, a atividade contribuiu para o reconhecimento das desigualdades e incentivou a busca por estratégias para enfrentá-las.

O desenvolvimento de uma postura antirracista no âmbito da saúde é, portanto, um desafio contínuo, como ressaltado por Carine: "A transformação das

instituições de saúde não se dá de maneira espontânea, é preciso políticas afirmativas, educação e o compromisso diário de todos os profissionais de saúde" [9]. A reflexão da equidade também se faz presente quando se é questionado o motivo dos participantes não conhecerem as personalidades e qual o impacto delas no nosso dia a dia, destacando que mesmo aqueles que se sobressaem em determinado tempo-histórico, a sociedade racista brasileira não os apresenta condições de manter sua história viva entre a população, sendo concentrada apenas, em poucos e restritos, espaços acadêmicos. O projeto do "Novembro Negro" ajudou a conscientizar os profissionais presentes sobre a importância de reconhecer e combater o racismo nas práticas de saúde, promovendo um ambiente de trabalho mais inclusivo, em que todas as pessoas, independentemente de sua cor ou origem, possam ter acesso a uma saúde de qualidade e sem discriminação.

Dessa forma, a atividade do "Novembro Negro" reforça o compromisso do PET-Saúde com a promoção da equidade e da justiça social, ao articular ações voltadas para a educação, a cultura e a conscientização. Essas iniciativas evidenciam o potencial do setor da saúde como agente transformador, capaz de promover um ambiente mais inclusivo, acolhedor e igualitário para todos os profissionais e usuários. A ampliação e a continuidade de projetos como esse são indispensáveis para consolidar uma prática de saúde pautada na luta antirracista e no respeito à diversidade humana.

Conclusão

A ação da atividade do "Novembro Negro" se fez de suma importância ao promover para o setor da saúde sua dinâmica, levando os participantes a fazerem questionamentos, reflexões e discussões sobre a equidade racial. O projeto ao apresentar a dinâmica que retoma a história de importantes personalidades negras, instigou os participantes acerca da trajetória das personalidades e da população negra, empecilhos e obstáculos que foram e são enfrentados até os dias atuais e o reflexo do racismo estrutural em como a sociedade vem se moldando.

Ao levar a dinâmica do "Novembro Negro" aos profissionais da saúde e proporcionar o conhecimento e troca de informações compartilhadas durante a dinâmica, os estudantes e profissionais do PET - Saúde Equidade foram levados a estudar e se envolver em bases críticas e a momentos de discussões e ideias de como promover o conhecimento, a conscientização da população e enfrentamento do racismo estrutural. Sendo assim, o projeto contribui e mostrou sua importância, na tentativa de criar um espaço de equidade e a relevância de ações que colaboram para conscientizar a valorização da cultura negra no Brasil.

Referências

1. UFRB. Novembro Negro: Exaltação à diversidade e resistência da população negra [Internet]. 2024 [citado 2025 fev 14]. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacetens/noticias/189-novembro-negro

2. Gonçalves R, Ambar G. A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra. Lutas Sociais [Internet]. 2015 [citado 2025 jan 16];19(34):202–13. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25767. DOI: 10.23925/ls.v19i34.25767

3. Brasil. Lei nº 14.532, de 14 de outubro de 2021. Altera a Lei nº 13.188, de 2015, que trata da punição da injúria racial nas redes sociais [Internet]. 2021 [citado 2025 fev 14]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2021/L14532.htm

4. Brasil. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas [Internet]. 2003 [citado 2025 fev 14]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm

5. Silva VCP. Dia da Consciência Negra no Brasil: algumas reflexões. Rev Hist Bilros: Hist(s), Soc(s) Cult(s) [Internet]. 2022 [citado 2025 jan 16];2(3). Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7582

6. Santa Rosa CV de. Representatividade de profissionais negros e negras em diferentes cargos e funções da saúde. Rev Remecs - Rev Multidiscip Estud Cient Saúde [Internet]. 2021 [citado 2025 jan 16];13. Disponível em: http://www.revistaremecs.recien.com.br/index.php/remecs/article/view/318

7. Brasil. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Dispõe sobre os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional [Internet]. 1989 [citado 2025 fev 14]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1989/L7716.htm

8. Ribeiro D. O que é lugar de fala? São Paulo: Companhia das Letras; 2017.

9. Carine B. O lugar de ser negra na sociedade brasileira. São Paulo: Companhia das Letras; 2019.

10. Gonzalez L. Racismo e mulher. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1988.

11. Pimentel S. Racismo e sexismo na cultura brasileira. 1. ed. São Paulo: Editora Pallas; 1997.

12. Davis A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo; 1981.

13. Almeida SL. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen; 2019. 264 p.